RASH SÃO PAULO

Quebrando o Silêncio

SKINHEADS ANARQUISTAS E COMUNISTAS – SEÇÃO SÃO PAULO
Boletim Informativo da RASH-SP - Ano III nº 01 – Jan/Fev de 2009
Faça o *download* desse exemplar no site: http://rash-sp.blogspot.com/
e-mail: contatorashsp@yahoo.com.br

Ser SKINHEAD só pode ter a ver com ser jovem, proletário, acordar todos dias e ter que dar um trampo pra poder sobreviver. Seja você branco ou preto, com algum no bolso ou totalmente fudido, o que importa é gostar de ser quem você é, ter orgulho de ser parte de uma classe, de uma banca que se identifica. Gostar de ska, reggae, soul e Oi!, o som das ruas. Gostar de futebol e ter seu time do coração! Gritar, chorar, sangrar por ele se preciso for! Tatuar sua paixão no peito, seja ela sua garota, seu time, sua banda favorita, ou o que for! Viver pelas ruas, enfrentando a vida, a dura realidade, combatendo os idiotas, transformar seu ódio pelo sistema em sonhos e atos de rebeldia! De preferência tudo isso regado a muita cerveja! Isso nos faz comuns, senão iguais. No mais, o que cada um tem de diferente, não é motivo suficiente pra que marchemos separados... If the kids are United!!!!!!!!

Texto por Guto Rivera

EDITORIAL

A cena de contracultura na cidade de São Paulo - mais precisamente a cena SKINHEAD - tem tomado dimensões consideráveis na mídia brasileira. Não da forma mais verdadeira, como deveria ser, mostrando realmente como foi quando surgiu e se prolongou até os anos 80, respeitando suas origens, seus valores, suas raízes e o mais importante e talvez o mais esquecido por todos, **a ligação direta com a classe operária**. Porém é repassada de forma sensacionalista, até por que é desta forma que chamarão a atenção da população. Está tornando-se comum nos noticiários de grande veiculação, notícias sobre adolescentes sendo espancados e esfaqueados em saídas de shows e *gigs*, brigas de gangues (ou gangues contra um único indivíduo) em estações de metrô e ruas da região central da cidade. Brigas entre gangues, formadas por supostos Skinheads e Punk´s. Sendo assim, queremos aqui, relatar que originalmente, cidadãos como esses, não podem ser Skinheads, levando em consideração diversas contradições que existem entre esses sujeitos e sua forma de agir, se comparado à verdadeira cultura Skinhead e levassem isso como uma escolha de vida.

O que vemos hoje na cidade de São Paulo é uma grande confusão que aos olhos de um leigo dentro desta cena, é praticamente impossível de se entender. Alguns grupos que se dizem Punks, quando deveria ter uma postura antifascista, o que vemos por aí é que não levam em consideração que somos todos trabalhadores e que precisamos estar juntos e unidos, pelo contrário, agem de forma contrária, espancando homossexuais, agredindo e matando trabalhadores, até mesmo por um pedaço de pizza e em alguns casos para fortalecer sua banca, se aliam a outras gangues declaradamente fascistas, sem se importar com esse fato. Sem falar das *tretas* que acontecem entre os próprios grupos punks, onde um se diz ser mais "anti-tudo" que o outro, rachando ainda mais o movimento. Os "declaradamente" fascistas fazem seu papel muito bem, **NADA** carregam da cultura Skinhead! Além do nome que nos roubaram. É visível a ignorância desses grupos, pois uma boa parte – se não a sua maioria - são jovens que residem em regiões periféricas da cidade, que mal conseguiram ingressar em uma Universidade, que estão empregados em

fábricas e indústrias cada vez mais exploradoras, ou seja, pertencem a uma classe explorada e excluída, igualmente às mesmas classes que eles discriminam: marginalizados, homossexuais, nordestinos e não enxergam que dentro de um sistema fascista, não passariam de linha de frente. Até ontem se dizia punk ou skinhead tradicional – melhor maneira para estar em cima do muro e não se comprometer - e hoje jura defender a pátria e amá-la, porém esqueceu-se de suas origens, defendem uma pátria que jamais foi ao seu favor.

Por fim, chegamos aos que se dizem declaradamente racistas, pregam o ódio racial, a xenofobia e homofobia. Não perderemos tempo escrevendo sobre esses lixos, pois basta lembrar-se que estamos num país latino, massacrado pela colonização (que ainda hoje sentimos fortemente na pele o estrago dessa colonização) e com uma enorme mistura de povos, para ter certeza que auto denominar-se pertencente à uma raça (??) pura aqui no Brasil, não passa de uma grande piada.

Pois bem, é através dessas e outras contradições, que nós do coletivo RASH-SP queremos mostrar que pela sua origem, o movimento skinhead **não é** e **não aceita** que racistas e homofóbicos sejam chamados de skinheads. Nós Skinheads jamais existiríamos se não fosse a juventude operária inglesa se juntar aos negros jamaicanos para dançar o rítimo da ilha – SKA e suas vertentes - e se divertir.

Diante de situações como essa, está mais que claro o papel do RASH-SP dento desta sub-cultura, onde nesse momento os pontos mais importantes a serem discutidos por nós é a desmistificação da visão errada que a cultura Skinhead tem sofrido e o combate direto a esses grupos. Claro que não podemos deixar de citar também que em São Paulo e no Brasil em geral, há grupos/coletivos sérios de Punks, Skinheads Antifascistas, e simpatizantes a esses grupos – que necessariamente não se autodenominam Skins ou Punks – que estão caminhando juntos e unidos com RASH, exercendo claramente uma postura antifascista, o que certamente é muito válido.

“Não estar em cima do muro, quem faz seu lado não precisa escolher. Ter postura é mais que um visual...”

Texto por Chaos Total A.C.A.B.

“CANTEN PUTOS...!”

St. Pauli Fans

St. Pauli é um bairro operário ao norte de Hamburgo, na Alemanha. É o bairro portuário daquela cidade e o mais antifascista da cidade. Neste artigo lhes falaremos da história da torcida de seu time de futebol, o FC St. Pauli que, para que tenham uma idéia, poderíamos comparar ao Rayo Vallekano, do Estado Espanhol ou ao italiano Livorno.

No início dos anos 80 os neonazistas começaram a se infiltrar na torcida do Hamburg, que até então não tinha nenhum caráter político, tomando em pouco tempo o controle do estádio graças a sua grande organização. Naquele então começaram a se concentrar no Bloco E da curva norte, motivo pelo qual muitos torcedores deixaram de ir ao estádio. Não demorou para que a polícia interceptasse, naquele mesmo ano, uma circular escrita pelo líder nazi Michael Kuhnen, na qual se dizia que o futebol devia ser um campo de captação de recrutas para o movimento fascista alemão. Por sua vez, no norte da cidade, no bairro de St. Pauli começou a ocorrer uma série de acontecimentos significativos para a história do bairro. Os “squatters” se multiplicaram em muito pouco tempo e os baixos aluguéis fizeram com que a maioria das pessoas de esquerda de Hamburg fosse viver no bairro, trazendo consigo, está claro, um aumento no número de espectadores do Millerntor (o estádio do St. Pauli), que até aquele momento não superava os 2000 torcedores.

O FC St. Pauli sempre foi um time modesto, que só marca presença na Bundesliga e quase sempre jogou na segunda e terceira divisões alemãs. Seu estádio, o Millerntor, conta com uma capacidade de 21.000 espectadores, o que diz tudo sobre o tipo de time que estamos falando. Por volta de 1985 se começou a notar um crescimento da torcida do St. Pauli. Em apenas um ano o time passou dos 2000 sócios para quase o dobro, e isso foi só o começo. Nos anos posteriores à cifra seguiu

aumentando até chegar aos 14.000 sócios atuais. Em 1989 começaram a se organizar de um modo mais efetivo os primeiros grupos de torcida do St. Pauli. Em 1991 editaram um vídeo sobre eles mesmos em sua passagem pela Bundesliga, coisa que voltaram a fazer em 1997. Também começaram a organizar seu próprio meio de comunicação, o famoso "Millerntor Roar!", que atualmente tem uma tiragem de 30.000 exemplares, sendo de longe a revista de torcida com maior tiragem do mundo.

Mas não avancemos tanto. Como dissemos, pouco a pouco a massa do St. Pauli foi aumentando, o que fez com que a extrema direita os olhasse com receio e quisesse meter-lhes medo. Em 1988, depois de ma partida entre Alemanha e Holanda em Hamburgo, alguns hooligans fascistas decidiram, para celebrar a vitória da seleção alemã, arrasar a Haffenstrasse, um conjunto de prédios ocupados situado em St. Pauli. A resposta do bairro foi incrível e os porcos sofreram numerosas perdas... mais e mais antifascistas se uniram à torcida do St. Pauli depois deste fato.

Mas o verdadeiro motivo pelo qual começaram a se organizar foi porque o clube queria fazer do St. Pauli um time grande a qualquer custo. Fez o projeto de uma infra-estrutura milionária. Um estádio novo, um centro comercial, uma cidade desportiva... em definitivo, isso pressupunha o encarecimento do preço do solo, o despejo das casas ocupadas, maior controle policial na região, o aburguesamento do bairro, etc. E os torcedores do St. Pauli se organizaram para barrar isso com faixas no estádio, minutos de silêncio, manifestações, pichações... o clube cedeu e as coisas ficariam como estavam. Era a segunda grande vitória ganha pelos torcedores do St. Pauli em pouco tempo e esse foi o verdadeiro começo do que viria depois.

Deslocamentos de milhares de torcedores para ver o St. Pauli por toda Alemanha, o reconhecimento de torcidas estrangeiras (Celtic Glasgow, Athletic de Bilbao, etc) e também seriam o objetivo dos meios de comunicação que viam perplexos a estranha torcida do St. Pauli com seus moicanos, suas bandeiras do Che, suas músicas peculiares... e a ideologia oficial no seio do St. Pauli, tanto como time quanto como torcida, é o antifascismo. Foram os primeiros a organizar partidas contra o racismo, convidando imigrantes para as mesmas, pendurando faixas em seus alambrados e escrevendo artigos em seus fanzines. Também são famosos seus confrontos com os porcos do Hamburg, Berlin, Borussia Dortmund... Sua influência em outras torcidas alemãs é incrível, e outras seguiram seu exemplo, como a do Schalke 04, Kaiserlauntern, Mainz... Mas nem tudo foi tranqüilo. No início dos anos 90 o St. Pauli também contava com um grupo de hooligans fascistas de quem tinham que ver as caras todos os dias. As brigas foram contínuas e selvagens, mas no final os fãs do St. Pauli limparam o lixo fascista de seu estádio.

Atualmente o St. Pauli conta com uns vinte grupos organizados que animam regularmente o time (todos eles antifascistas, claro) distribuídos entre a curva norte e a Gegengerade, que é a parte do estádio situada em frente à tribuna central. Todos eles agitam de pé os 90 minutos da partida. Seu ponto de encontro é o "Fanladen", que é uma espécie de boteco onde se reúnem todos os torcedores do St. Pauli e onde distribuem material do grupo e do time, elaboram o fanzine, costuram bandeiras, discutem futebol e política e tomam umas cervejas. Também têm um programa de rádio próprio no qual retransmitem ao vivo todas as partidas que o St. Pauli joga fora de casa, impressionante... Estão irmanados com a torcida do Celtic de Glasgow e mantêm muito boas relações com as torcidas do Athletic de Bilbao, do Belfast, do Girondins de Bordeaux, do Schalke 04 e do Mainz e, é claro, más relações com todas as torcidas fascistas, destacando a do Hamburg.

1) Artigo extraído do site da RASH Madrid (http://www.nodo50.org/rashmadrid/)

2) Tradução: Ajuda da Maloka Elétrika (http://malokeletrika.blogspot.com/)

MÚSICA

Cockney Rejects: entre as arquibancadas e os palcos

Entre os anos de 1976 e 1977 o punk rock se tornou um fenômeno muito grande na Inglaterra e fez a cabeça de milhares de jovens que, ao atender o chamado de Johnny Rotten, formaram centenas de bandas. Na zona leste de Londres dois irmão estavam entre esse milhares de jovens, eram Mick Geggus e Jeff "Stinky"Turner, foram eles, respectivamente guitarrista e vocalista, que em 1979 deram vida a banda que foi batizada com um nome que afirmava a própria origem de seus fundadores: Cockney Rejects!

A expressão cockney era normalmente aplicada aos residentes dos bairros operários da zona leste de Londres e esse era bem o caso dos Cockney Rejects, que na sua formação original contou ainda com Chris Murrel (baixo) e Paul Harvey (bateria), mas a formação clássica da banda teve três integrantes, os irmãos Mick e Stinky Turner e Vince Riordan, que substitui Chris Murrel no baixo ainda em 1979. Os bateristas sempre mudaram com relativa freqüência, o que passou mais tempo na banda foi Keith "Stix" Warrington, que havia tido antes uma passagem pelos Angelic Upstarts.

Ainda em 1979 a banda consegue lançar seus primeiros Ep's, "Flares and Slippers" e "I'm Not a Fool", no ano seguinte sai o Lp "Greatest Hits Vol. 1" e a essa altura os shows se multiplicavam por toda a Inglaterra, assim como as polêmicas também, e elas giravam fundamentalmente em torno do futebol e em menor grau em torno de questões que envolviam a conjuntura política inglesa e particularmente o cenário skin e punk, o fantasma do racismo e da extrema direita.

Naquilo que diz respeito ao futebol, os integrantes do Cockney Rejects eram torcedores fanáticos do West Ham, tanto que um de seus maiores êxitos comerciais foi o ep "Im Forever Blowing Bubbles", musica que a torcida do West Ham cantava (e ainda canta) nas arquibancadas desde 1920. O envolvimento com o futebol e com a Inter City Firm (torcida organizada do West Ham) começou a trazer problemas para a banda, uma vez que quando tocavam fora de seu reduto mais tradicional, o pub Bridge House, volta e meia ocorriam conflitos com torcedores de outros clubes do futebol inglês.

Um exemplo dos problemas ocasionados quando as rivalidades futebolísticas eram levadas para as apresentações da banda foi a confusão ocorrida num show no Eletric Ballroom, no norte de Londres, um bando de 200 torcedores do West Ham enfrentaram uns 50 torcedores do Arsenal e os expulsaram do local do evento. Mas o pior caso se deu na cidade de Birmingham. O Cedar Club, local do show, estava cheio de skinheads da cidade de Birmingham que cantavam músicas da sua torcida local. Não demorou muito para que diversos objetos fossem arremessados contra o palco e se iniciasse uma briga generalizada, na qual o Rejects e seus apoiadores estavam em minoria e, portanto, levaram a pior. O resultado final da briga, além dos ferimentos, foram o roubo do equipamento da banda (prejuízo de 200 libras), inquéritos policiais por agressão e o cancelamento de outros shows.

No campo da conjuntura política a banda foi afetada pelo crescimento que os movimentos de extrema direita tiveram no final dos anos 70, o fato de seu publico punk e skin ter sido alvo de recrutamento por parte de organizações como o National Front e o Britsh Movement fez com que a pecha de direitista por vezes fosse aplicada injustamente à banda. Os integrantes do Cockney Rejects nunca foram politicamente engajados em nenhuma corrente política, mas quando se tratou de tomar uma posição em relação ao assédio da extrema direita quando a

banda foi questionada a respeito as respostas foram: "Nós podemos dar um jeito neles", disse Stinky. "Se alguém aparecer nos shows e quiser sair no braço, nós saímos no braço. Pursey não teve moral de fazer isso. Mas nós não vamos admitir bagunça".

E não parou por aí, em duas ocasiões os Rejects e seus fãs botaram os Nazis para correr. Uma vez foi quando abriram um show para os Angelic Upstarts, num lugar chamado Eletric Ballroom em Camden e outra na estação de Barking, nesses casos eram os próprios integrantes da banda e seus "seguranças" que entravam em ação, entre esses "seguranças" estava Hoxton Tom, figura que mais tarde seria conhecido como baixista dos 4 Skins. Por fim, na Bridge House não eram admitidos nenhuma "sieg heil".

Musicalmente os Rejects mantiveram seu vigor até o seu terceiro disco, depois com as confusões originadas por causa de questões do futebol e o cancelamento de shows os Rejects patinaram entre uma sonoridade um pouco mais pop e o hard rock, fato que fez com que muitos de seus antigos fãs se decepcionassem com a banda.

Ao longo dos anos 80 e 90 os Rejects tiveram diversas idas e vindas na sua formação, mantendo uma carreira irregular, mas a partir de 1999 os Rejects conseguiram uma formação mais estável, que contava e ainda conta com Tony Van Frater, veterano que também toca no Red Alert, lançaram alguns novos cds e têm feito shows e turnês regularmente, inclusive tendo tocado em São Paulo nesse ano, shows que mostraram que depois de tanto tempo os caras continuam capazes de levantar o público com seu som.

Texto por Carlos Fabbri

A CENA SKINHEAD

O Culto e Prática da Violência

Muito de nossos críticos mais contundentes são precisos em apontar o modo negativo e estúpido com que a violência era utilizada e vista pelos skinheads ingleses, nos primeiros anos de sua existência. Os primeiros skins, apolíticos que eram, cultuavam a violência pela violência, sem que esta tivesse qualquer função política nem fizesse parte de qualquer plano de ação revolucionária. Para os que nos criticam, um tal uso inconseqüente e irracional da violência deve ser execrado e combatido por todo aquele que defende relações sociais pautadas pela positividade e pela liberdade de fato.

Nós do RASH concordamos com nossos críticos nesse ponto. O culto à violência sem propósito, ao qual se dedicavam muitos skins originais na década de 1960, é um aspecto negativo da cultura skinhead, devendo, portanto, ser combatido, abandonado e superado. Para o RASH, o uso da violência só pode ser legitimado e aceito se este se constituir em método concreto de ação revolucionária de combate ao capital, ao fascismo, ao racismo e ao preconceito de qualquer tipo.

Também acreditamos que o culto e o uso leviano da violência era uma forte característica do movimento skinhead original. Mas voltamos a afirmar de modo tranqüilo e decidido: como membros do RASH, não somos skinheads originais. Permanecemos fiéis aos aspectos originais positivos deste movimento, no entanto, procuramos superar seus aspectos nocivos e negativos. Para nós, o uso da violência deve ser obrigatoriamente e exclusivamente revolucionário. O culto idiota à violência sem propósito, característica do movimento skinhead tradicional, deve ser abandonado, superado, criticado e combatido.

Texto por Eminho

Skinheads Vermelhos, um breve histórico

Muitos falam que o "espírito de 69" é apolítico, porem não podemos esquecer das raízes skins, o movimento não começou em bairros ricos de Londres, mas sim em periferias, cidades portuárias, locais onde se concentravam (e ainda hoje se concentra) a grande massa trabalhadora inglesa, a classe explorada, separar toda situação social e econômica do começo do movimento é não entender o que aquela juventude gritava para toda a sociedade e separar isso de uma postura altamente politizada é um erro.

O grito de rebeldia foi aos poucos acabando ou tomando rumos inesperados e até mesmo inconcebíveis como o surgimento dos facistoides e nazis no meio da cena, na França é bem marcante o momento em que o marasmo apolítico e a frente nacionalista recebem um basta. Surgem os primeiros RedSkins, eram seguranças em sons que formavam verdadeiras brigadas

antifascistas, é o inicio de um dos mais famosos grupos de Redskins já existentes, os “Red Warriors”.

Não podemos colocar os primeiros redskins (Francês) como um fenômeno isolado do resto do mundo , uma das grandes influencia foi a banda inglesa The Redskins com seu Power Soul, que deu um novo fôlego para todo o movimento com sua postura inovadora em visual e musical, leva os Vermelhos Franceses a buscarem interagir com toda uma juventude muito parecida com aquela de 1969 na Inglaterra, cheia de problemas sociais.

O movimento foi tomando forma aos poucos e saindo do principio de violência por violência e o muito visto role por role e se integrando mais a cultura trabalhadora e organizando-se. A S.H.A.R.P aparece adotando o símbolo da Trojan como ícone da luta contra o preconceito, nada mais gritante na luta que a gravadora dos grandes clássicos da musica jamaicana para mostrar a todos o que significa ser skinhead, lutar pelas raízes ou pendurar as botas.

Nasce a integração dos diversos grupos de esquerda espalhados pelo mundo como a R.A.S.H, adotando o simbolismo skinhead e de toda a luta da esquerda mundial para a cultura, juntando assim a energia rebelde dispersa em uma bandeira única, que toma forma em cada região com diferenças enriquecendo mais a cultura.

Vida Simples luta dura, sentimento de pertencer à classe trabalhadora, futebol, cerveja, solidariedade, união, identificação com a musica rebelde e luta para mudança, são hoje a bandeira de combate.

Texto por Césão

RASH PELO MUNDO
Denuncia Pública Internacional

Liberdade e Solidariedade com FARO (Preso Político Colombiano)

Denunciamos a enorme injustiça cometida com nosso companheiro FARO, acusado de um crime que não cometeu e nem participou.

No sábado do dia 15 de março de 2008, nas primeiras horas da manhã, nosso companheiro e amigo Freddy Ramírez da organização política RASH Bogotá foi capturado pela polícia sem ordem alguma, ao melhor estilo paramilitar, quando saia de sua casa com sua esposa e sua filha.

Acusado de um crime que não cometeu, foi rapidamente capturado, enjuiciado e imediatamente encarcerado, violando todos os seus direitos e passando por cima de sua dignidade. Já são mais de 120 dias atrás das grades, numa das prisões mais perigosas da Colômbia, vítima de mentiras mal fundadas de grupos neonazistas que o acusaram de um ato em que se quer o mesmo nem estava presente.

As “forças democráticas de ordem” e as instituições nacionais que dizem representar o Estado Social de Direito em Bogotá, deram total credibilidade a esses falsos testemunhos, legitimando as mentiras e sendo cúmplices ativos para colocar nosso companheiro na cadeia.

Pedimos imensa solidariedade internacional de todos e todas para ajudar ativamente a cobrir uma parte dos gastos judiciais que são necessários com urgência, para colocá-lo em liberdade.

A verdade prevalecerá acima de tudo!

Solidariedade e Liberdade já!

CLASSE TRABALHADORA

De quem é a crise?

A sociedade esta passando por um momento um tanto quanto delicado, mas delicado para quem? Como estamos vendo nos noticiários, o que começou com uma simples crise do sistema financeiro, já esta se transformando em depressão para muitos países (como Japão, Alemanha e Inglaterra), sem contar outros tanto, que estão a caminho, com um horizonte bem claro de uma futura depressão. Por isso vem à questão, momento delicado para quem?

A sociedade capitalista tem seus preceitos muito bem claros e definidos, ou seja, a acumulação de capitais, a partir do sobre trabalho, este extraído do trabalho não pago, mais conhecido por mais-valia. Mas quando começa a crise? Muitos afirmam que a crise começa quando ocorre à diminuição da produção de mercadorias, ai está o grande erro, a origem da crise está quando os patrões estão comemorando o

recorde de produção, assim a crise da inicio quando se está no topo da linha de produção, quando as maquinas estão a todo vapor. Vide o caso brasileiro, no inicio do ano de 2008 todas as montadoras estavam comemorando o recorde de produção, e hoje? Férias coletivas para a grande maioria de seus trabalhadores, com um forte indicativo de demissões para o ano que vem, e isso não é um caso tupiniquim, na Europa já existem dados de demissões em torno de 15 mil pessoas por dia, enquanto que somente na China esses dados são de 150 mil trabalhadores demitidos por dia.

Esses dados são alarmantes, com tantos desempregados. E pegarmos a tragédia ocorrida no Vale do Itajaí em Santa Catarina, onde milhares de trabalhadores perderão tudo o que tinham, e o governo Lula fala em liberar o FGTS dos trabalhadores como forma de ajudá-los a reconstruir o que perderão, enquanto aos bancos e empresas esse senhor do capital libera bilhões sem preocupação alguma.

Com todas essas noticias que vemos fica fácil deduzir para quem o momento está delicado, não é? O desemprego bate em quem, nos trabalhadores, e as causas do mesmo todos sabem, e são nefastas. Portanto, é fácil afirmar que o momento está delicado para os trabalhadores, sim? Não.

Quem está em crise, ou melhor, recessão não são os trabalhadores, são as empresas, é o sistema financeiro, é o capitalismo, que organiza e dita todas as normas a serem seguidas pela sociedade no campo econômico/financeiro e/ou político, por tanto a crise não é da classe trabalhadora, mas da burguesia que gesta todo esse sistema fétido, esse é o momento que todos os trabalhadores orgulhosos e guerreiros têm de se juntarem e lutarem para derrubar de uma vez por todas essa ave de rapina, que se chama capitalismo, e nós enquanto SKINHEADS ANARQUISTAS E COMUNISTAS, e parte integrante da classe trabalhadora, mas não só brasileira, mas mundial estamos pronto para a luta. A luta mais importante da classe trabalhadora, que é a luta contra seus exploradores, contra esse sistema que nos aprisiona.

Com isso, nós da RASH-SP, gostaríamos de deixar bem claro que o que esta em crise não é a classe trabalhadora, ela pode estar fragmentada, e isto ela esta.

Que não é a sociedade que esta em crise, mas sim a sociedade capitalista, que urge por mudanças, e essas mudanças só cabem a uma classe faze - lá, sem tutores e especialistas, essa classe, é a classe trabalhadora, a verdadeira produtora e mantenedora da sociedade, assim:

RASH de todo o mundo lutemos! Trabalhadores de todo o mundo uni – vos!

Texto por Durruti Oi!

INFORMES

SONS

Estamos ouvindo boatos sobre a vinda ao Brasil da banda americana de Ska "The Aggrolites". A data cogitada para a presença da banda seria entre os meses de março e abril de 2009.

Porém ainda não há maiores informações sobre datas exatas e locais, porém em um *newsletter* da gravadora Radiola Records essa informação sobre os sohws no Brasil já foi divulgada.

É torcer e aguardar!

EXTRA STOUT – Ska Extra Forte, Encorpado e 100% Malte!

Fiquem atentos ao fotolog, myspace, orkut e comunicados via e-mail, pois "vira e mexe" a banda paulistana Extra Stout está fazendo shows nas casas noturnas de São Paulo. A banda é formada por ex-membros dos Skamoondongos, Maleducados, New City Rockers, Flicts, entre outros e fazem um som divertido e dançante.

Uma cena de SKA forte e saudável também depende de você!

FILMES

Alguns membros do coletivo dispõem de muitos filmes interessantes e estão dispostos a dividir.

São filmes políticos, documentários, shows, cinema nacional, europeu, futebol, skins e punks. Abaixo alguns títulos que possam vir a agradar os leitores deste boletim:

A Batalha do Chile, A Batalha de Argel, The Weather Underground, Roma Cidade Aberta, Laranja Mecânica, Transpoint, The Warriors, Sid & Nancy, This Is England (legenda em português), Skinhead Attitude (legenda em português), Quadrophenia, Skinheads a Força Branca, Cães de Aluguél, Um Dia de Cão, Taxi Driver, O Poderoso Chefão, Buena Vista Social Club, Social Distortion - Live in Orange Country, Cock Sparrer – Guilty Charged Tour 1994, On The Road With The Dropkick Murphys, Live At Club Ska - Laurel Aitken Live, Green Street Hooligans, Hooligans & Thugs – Soccer´s Most Violent Fan Fight, The Football Factory, Suicide Girls: The First Tour, entre outros.

Entre em contato pelo nosso e-mail e faremos um bem bolado. Não estamos vendendo / lucrando, a idéia é dividir o que temos.

Roddy Moreno - Vocalista da banda de Oi! Music "The Oppressed" - Depoimento para o filme Skinhead Attitude: *"Nossa posição está clara: não toleramos racistas em nossos concertos. Para nós, skinhead significa simplesmente pertencer a classe operária, ter orgulho de si mesmo e saber de onde vem (recordas suas origens). Se és racista, não pode ser skinhead. Por que os skinheads não existiriam sem a Jamaica. Negar essa cultura e négar a si mesmo... por isso os chamamos de "boneheads", por que não são skinheads. Eles são boneheads e nós somos skinheads. Nós os vemos como algo totalmente distinto".*